

A importância das exportações

Kátia Abreu¹

Concordamos todos que exportar é importante porque amplia os mercados para a agricultura. Muitos alegam que as exportações se fazem às custas do nosso abastecimento, privando-nos de alimentos ou, então, encarecendo seus preços. Outros dizem que exportar commodities é retrocesso, pois equivale a exportar mão de obra barata e recursos naturais. Esses tópicos serão discutidos quando focarmos nos nossos consumidores, produtores, consumidores externos e no excedente exportável, com o intuito de argumentar que uma agricultura do porte e do potencial da brasileira tem nos mercados interno e externo sua fonte de dinamismo, ambos igualmente importantes. E, ainda, que o excedente exportável é sinal de vitalidade da nossa agricultura e muito importante para o ajuste macroeconômico e para as políticas de desenvolvimento. As exportações trouxeram para o mercado brasileiro a competição internacional e desafiou nossos agricultores a ombrearem com os melhores do mundo. Gerando renda, são também de grande ajuda na implementação das tecnologias que são importantes para o florescimento da agricultura sustentável, da qual muito nos orgulhamos. E são indispensáveis para ampliar a classe média rural, importante objetivo de nossas políticas públicas.

As exportações têm desempenhado papel muito importante ao estimular o crescimento de nossa agricultura, de modo que seu dinamismo suplantou o crescimento das demandas externa e interna a ponto de ter havido queda acentuada

do preço da cesta básica no período 1970–2006, à taxa anual de 3,12%. Mas a grande demanda dos asiáticos e nossa demanda interna de alimentos, que cresceu muito, se juntaram para fazer avançar à taxa anual 1,81% o preço da cesta básica no período 2006–2014. Apesar disso, de 1975 a 2014 a queda anual dos preços da cesta básica equivaliu a 1,71% (Figura 1). Esse decréscimo significou enorme transferência de renda em favor das classes de renda mais baixa. A queda do preço da cesta básica, ou sua estabilidade, é de grande ajuda para os programas de transferência de renda aos mais pobres, que gastam a maior parte do orçamento familiar com alimentos. Ou seja, a queda do preço da cesta básica significou forte distribuição de renda aos mais pobres, sem sacrificar os pagadores de impostos, num jogo de ganha-ganha.

De 1973 a 2014, a produção de nossa agricultura cresceu à taxa anual de 4,80%, bem superior ao incremento da população, o que dinamizou as exportações, com queda do preço da cesta básica, e isso beneficiou os brasileiros com comida de boa qualidade e a preços estáveis ou declinantes. Como mostra a Figura 2, o crescimento da produção se deveu à produtividade da terra, ou seja, cada hectare passou a produzir muito mais, graças à tecnologia. Mais recentemente, houve incremento da área de grão, que ocupou áreas de pastagens degradadas para recuperá-las.

¹ Ministra de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

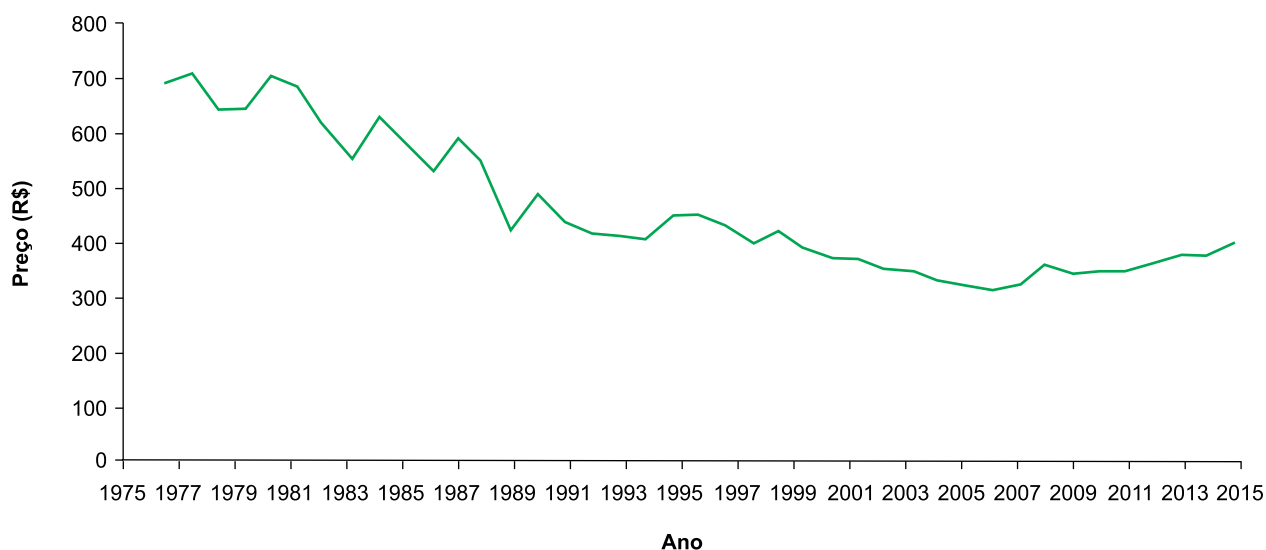


Figura 1. Evolução do preço da cesta básica no Município de São Paulo, de 1975 a 2015.

Nota: valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Dieese (2015).

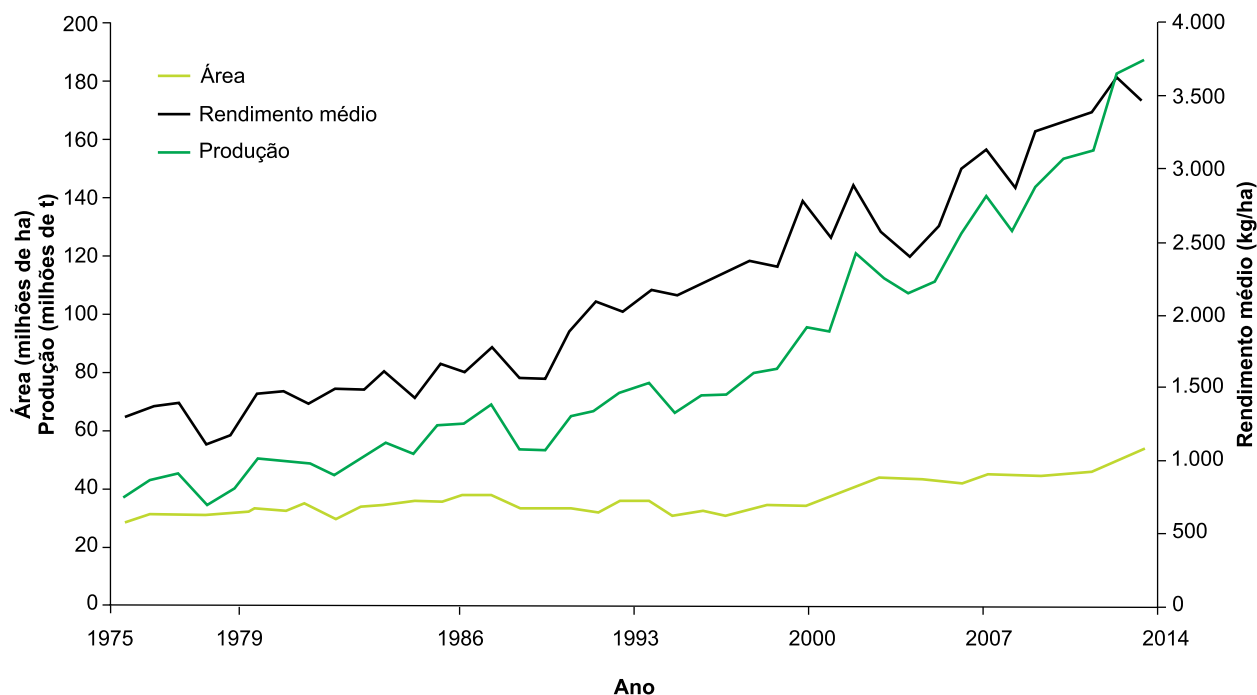


Figura 2. Área, produção e rendimento médio de grãos no Brasil, de 1975 a 2014.

Fonte: IBGE (2015a).

Estudos da Embrapa mostram que a tecnologia, cristalizada em fertilizantes, sementes e animais melhorados, máquinas e equipamen-

tos, foi responsável por 68,1% do aumento da produção, que o trabalho respondeu por 22,3% e a terra, por 9,6%. De 1995–1996 para 2006,

a importância da terra para o crescimento da produção caiu de 18,1% para 9,6%. Ou seja, é a agricultura de base tecnológica que fundamenta o desenvolvimento do meio rural.

O crescimento da produção, com pequeno incremento da área explorada, mesmo assim sobre áreas degradadas, só foi possível com tecnologias que aumentaram a produtividade da terra, evitando o desmatamento de milhões de hectares. De 1975 a 2014, a área colhida cresceu à taxa anual de 0,16%; a produção, à taxa anual de 4,80%; e a produtividade da terra, à taxa anual de 4,64%.

Outra vitória da agricultura são as exportações que chegam a 150 países, cuja pauta diversificada abrange café, grãos, carnes, sucos, celulose, madeiras e frutas e hortaliças in natura. Em 2014, o saldo da balança comercial correspondeu a 80 bilhões de dólares, quando, nas exportações totais, o déficit foi de quatro bilhões de dólares. A Figura 3 mostra a evolução do saldo da balança comercial.

Em 2014, o agronegócio foi responsável por 44% das exportações brasileiras. De 1955 a

2000, apesar da contribuição do agronegócio, o saldo total foi negativo.

As exportações de alimentos com valores tão expressivos representam importante contribuição brasileira para o bem-estar ou para aliviar a fome de milhões de cidadãos espalhados numa centena de países. Sem essa contribuição, os preços dos alimentos teriam subido muito e privado de alimentos indispensáveis ao bem-estar e à vida milhões de pobres daqui e do mundo.

As exportações do agronegócio solidificaram a presença do Brasil no mercado internacional de alimentos, fibras e bioenergéticos e criaram fortes vínculos e interdependências. Contribuem para o desenvolvimento do Brasil, gerando divisas indispensáveis à compra de insumos da indústria e ao pagamento de responsabilidades externas. Por essa razão, exportar passou a ser muito importante para a política econômica. A nossa luta está focada na abertura de mercados e na redução do impacto de barreiras tarifárias e não tarifárias. No plano interno, em dar resposta efetiva e rápida às demandas dos exportadores, reduzindo ou eliminando os

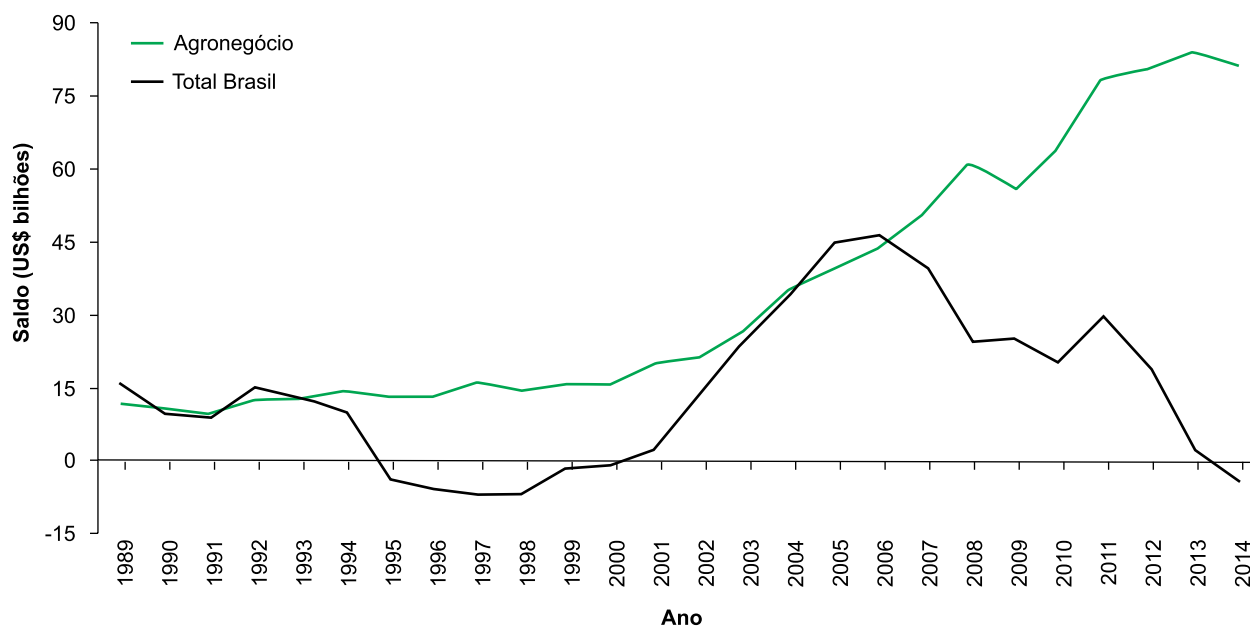


Figura 3. Saldo da balança comercial brasileira, total e do agronegócio, de 1989 a 2014.

Fonte: Brasil (2015b).

entraves burocráticos e legais. Com os agricultores e cientistas, focamos o combate a pragas e doenças e a aplicação de boas práticas agrícolas, como se exige para preservar o meio ambiente e a saúde dos agricultores e consumidores. Outra frente de trabalho está na infraestrutura de estradas, hidrovias e portos, sempre em cooperação com os órgãos responsáveis.

Já destacamos que tecnologia, trabalho e terra explicaram, respectivamente, 68,1%, 22,3% e 9,6% do crescimento da produção. A tecnologia se cristaliza em insumos, como máquinas e equipamentos, sementes melhoradas, fertilizantes, tudo comprado nos mercados urbanos, e incorpora conhecimentos científicos brasileiros e externos. A terra para atingir o nível de produtividade atual é beneficiada por investimentos em calcário, fertilizantes e controle de erosão. É criação do talento do agricultor, sendo a base dessa criação uma dádiva da natureza. Quando se exporta, enfatizamos, exportamos ciência e o trabalho de agricultores competentes e de trabalhadores especializados. O que a crítica alude, quando afirma que exportamos mão de obra despreparada e recursos naturais, pertence a um

passado distante e enterrado pela competência dos brasileiros.

Aprendemos a exportar, mas o mercado externo está sempre em ebulição, passando por rápidas transformações. A pressão é enorme pela redução de custos e pela necessidade de enxergar o futuro. Minha responsabilidade é preparar o Mapa para enfrentar com sucesso batalhas que baterão às nossas portas, cada vez exigindo mais determinação e preparo, com os olhos voltados para a ciência, com bom senso e capacidade de negociar e de cooperar.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Estatísticas do comércio exterior**: balança comercial. [2015b]. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/internacional/indicadores-e-estatisticas/balanca-comercial>>. Acesso em 20 out. 2015.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Cesta básica de alimentos**: banco de dados. 2015. Disponível em <<https://dieese.org.br/cesta>>. Acesso em 20 out. 2015.

IBGE. **Banco de dados agregados. Sistema IBGE de recuperação automática**. [2015a]. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em 20 out. 2015.